



NA REDE DA LEITURA LITERÁRIA E INTERSEMIÓTICA*

IN THE NETWORK OF LITERARY READING AND INTERSEMIOTICS

DOI: 10.5281/zenodo.22117313



José Jacinto dos Santos Filho¹

RESUMO

O artigo discute a leitura literária como experiência criativa, imagética e intersubjetiva, enfatizando seu caráter inventivo e transformador. A literatura é compreendida como linguagem falante que convoca o leitor a produzir novas significações por meio do encontro entre palavra e imagem. A leitura, longe de ser ato passivo, constitui-se como gesto corporal e simbólico no qual o leitor reanima o texto, ativando sua memória imaginante e reconstruindo sentidos de forma singular e contínua. Dialogando com autores como Chartier (1999), Merleau-Ponty (2002), Bachelard (1988), Manguel (1997), Iser (1996) e Samoyault (2008), argumenta-se que o texto literário é sempre plurissignificativo, intertextual e sustentado por uma rede de imagens que se renova a cada leitura. Em seguida, discute-se a intersemiose como dimensão essencial da leitura contemporânea, entendida como interação entre diferentes sistemas sógnicos. A partir de Saussure (1989), Barthes (1992), Jakobson (1995), Plaza (1987) e Pignatari (2004), evidencia-se que ler é relacionar signos verbais e não verbais em permanente processo de transmutação e semiose. Assim, a leitura intersemiótica envolve a articulação de múltiplos códigos para produzir sentidos, reafirmando o leitor como coprodutor da obra e a literatura como espaço dinâmico de criação, interpretação e diálogo entre linguagens.

Palavras-chave: Leitura literária. Leitura intersemiótica. Signos verbais e não verbais.

ABSTRACT

The article discusses literary reading as a creative, imagistic, and intersubjective experience, emphasizing its inventive and transformative character. Literature is understood as speaking language that invites the reader to produce new meanings through the encounter between word and image. Reading, far from a passive act, constitutes a bodily and symbolic gesture in which the reader reanimates the text, activates its imaginative memory, and reconstructs meanings in a singular and continuous way. Engaging with authors such as Chartier (1999), Merleau-Ponty (2002), Bachelard

* Este artigo é um recorte de minha Tese de Doutorado em Educação, na UFPE.

¹ Doutor em Educação pela UFPE; Mestre em Teoria da Literatura pela UFPE; e Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE)/Campus Mata Norte. E-mail: jacinto.santos@upe.br.





(1988), Manguel (1997), Iser (1996), and Samoyault (2008), it is argued that the literary text is always plurivocal, intertextual, and sustained by a network of images that renew themselves with each reading. Subsequently, intersemiosis is discussed as an essential dimension of contemporary reading, understood as the interaction between different sign systems. Referencing on Saussure (1989), Barthes (1992), Jakobson (1995), Plaza (1987), and Pignatari (2004), it is shown that reading is the relating of verbal and nonverbal signs in a perpetual process of transformation and semiosis. Thus, intersemiotic reading involves articulating multiple codes to produce meanings, reaffirming the reader as co-producer of the work and literature as a dynamic space of creation, interpretation, and dialogue between languages.

Keywords: Literary reading. Intersemiotic reading. Verbal and nonverbal signs.

INTRODUÇÃO

Aparentemente passiva e submissa, a leitura é, em si, inventiva e criativa. (ROGER CHARTIER, 1999, p. 31)

Todo ser humano é um ser de natureza poética, porque ele naturalmente narra, conta as suas experiências de vida e a deseja fazer eterna. Ler o texto literário é isto, desejar (re)ver a vida eternizada nas imagens que dormem no silêncio de nossa mais secreta intimidade. E a leitura é nosso percurso antropológico para nos fazer chegar até a esse outro lado do mundo das imagens e despertá-las, re-animá-las para, assim, ouvirmos nossos cantos de vida primeira, nossa ancestralidade.

Pelo texto literário, nós nos permitimos chegar a nós mesmos como imagem através das nossas próprias imagens. A literatura é mundo de imagem que se apresenta e se re-apresenta com uma forma tramada por palavras. Estas são nossos fios de Ariadne, que nos permitem percorrer o labirinto de uma vida, lutar com o Minotauro e retornarmos fio a fio com mais outros fios de palavras-imagens para darmos sequência a nossa existência. Temos em Ariadne o fio da esperança, do retorno e do porvir, e, na contramão, o Minotauro ameaçador, a morte personificada, uma imagem que ameaça a outra, inquieta e, ao mesmo tempo, causa curiosidade; e Perseu, a promessa da continuidade da vida, é o leitor, que adentra no grande labirinto das imagens munido das armas da imaginação para a luta contra o





inusitado, o Minotauro e, de lá, retorna vitorioso aos braços da esperança e cheio de outras imagens.

Provavelmente nos perguntemos o que vem a ser um texto, e como uma possibilidade de resposta, Kothe (1981, p. 17) replica:

O texto equivale à partitura musical; a leitura equivalente à execução. A obra não é, porém, apenas o texto executado: é preciso ouvi-lo também. O texto, o artefato, é como Lázaro no túmulo: a leitura é a sua ressurreição. Textos são cadáveres que ressuscitam de seus túmulos ao toque das mãos e dos olhos do leitor. Cada texto é uma fênix pronta a renascer das cinzas. Texto é textura; tecido é textura. Um tecido posto no microscópio aparece como uma rede: essenciais à rede não são apenas os seus fios, mas também os seus vazios.

E como se tecem esses fios? Tecemo-los com nossas imagens, preenchendo esses possíveis vazios entre os espaços dessa rede na medida de nossas leituras. Por esse ato de leitura, ouvimos e vemos as imagens e fiamos com elas mais outras imagens numa roca que nunca para; há sempre um porvir de imagens.

É-nos, mais das vezes, estranho esse mundo das imagens, que ora se narra, ora verseja sobre quem somos e como vivemos. Mas é próprio da sua natureza provocar estranhamento, porque a única certeza que temos desse mundo-imagem são as suas provocações para atirar-nos de frente com as nossas próprias imagens e confrontar-nos com as nossas verdades mais íntimas. Esse espaço provocador é o mundo de nosso devaneio, como nos declara Bachelard (1988, p. 8), “um mundo [que] se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é o nosso”.

O texto literário é feito de imagens, é o mundo, como já dito, dos nossos devaneios poéticos; é, como destacado por Bachelard (1988, p. 13), “uma abertura para um mundo belo, para mundos belos. Dá ao eu um não-eu que é o bem do eu: o não-eu meu. É esse não-eu meu que encanta o eu do sonhador e que os poetas sabem fazer-nos partilhar”. Como se percebe, temos um mundo que se faz mundo com nossas experiências, em todos os sentidos. Ele é um espaço que nós leitores realizamos pelas fímbrias mantidas com os espaços do mundo objetal





a partir do momento em que agimos pela leitura. Esta é a chave de acesso ao outro lado, o lado das imagens.

E o que é ler o texto literário? Para podermos tentar responder a esse questionamento, supomos que seja necessário termos uma ideia do que entendemos por literatura. É evidente que não estamos querendo conceituar literatura, pois a sua teoria já o vem realizando a contento, mas apontar uma ideia que nós perseguimos para mais adiante discutirmos o que compreendemos sobre leitura do texto literário e seu ensino.

Entendemos, pois, por literatura, aquela “linguagem falante” de Merleau-Ponty (2002), que interpela o leitor com certos arranjos dos signos e seus significados para produzir novas significações; assim, fica-se convencido de tê-la compreendido como se a tivesse produzido. Essa compreensão se consolida no momento em que se realiza uma transformação no leitor, isto é, ele passa a ter aquela linguagem como sendo sua. Ela não é mais estranha ou alheia a sua realidade. Assim, passamos a perceber que a linguagem literária

só pode dizer coisas novas à condição de comungarmos dos mesmos interesses que ela, de cessarmos de examinar de onde ela vem para segui-la onde ela vai, de deixarmos as palavras, os meios de expressão do livro se envolverem nessa névoa de significação que eles devem a seu arranjo singular (...). (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 119.)

Como vemos, nossa compreensão sobre literatura aporta-se nos arranjos significativos com os quais as palavras-imagens se ordenam no instante do ato de interseção com a palavra do leitor, isto é, elas copulam-se, fazendo vir outra palavra-imagem infinitamente plural, resultando dessa cópula outros textos, outras relações criantes. O ato da leitura do texto literário é também o de copular. A partir dessa compreensão de literatura que temos, podemos partir para uma reflexão que nos ajude a dizer o que é leitura do texto literário.

Manguel (1997, p. 42) argumenta que “a leitura começa com os olhos”, ou seja, com um dos órgãos dos sentidos importante para a percepção humana, mas que não é exclusivo para fazer compreensível o que é visto por ele. Há mais que olhos para compreender o mundo. Ele acrescenta que, para Aristóteles, o olho era comparado a um camaleão, que assume a



forma, a cor do que é visto e, assim, estabelecem-se conexões com os outros órgãos como o coração, o fígado, os pulmões, a bexiga e os vasos sanguíneos, controlando movimentos e sentidos. Ainda para Aristóteles a condição do observador era de completa passividade; recebendo o visto pelo ar, que era, em seguida, recepcionado pelo coração, entendido como o centro de todas as sensações. Como podemos perceber, tal compreensão aristotélica sobre a receptividade do olho é de extrema visceralidade. Mas sabemos, pelo o que nos adverte Manguel (1997, p. 54-55),

que a leitura não é um processo que possa ser explicado por meio de um modelo mecânico; sabemos que ocorre em certas áreas definidas do cérebro, mas sabemos também que essas áreas não são as únicas a participar; sabemos que o processo de ler, tal como o de pensar, depende da nossa capacidade de decifrar e fazer uso da linguagem, do estofo de palavras que compõe texto e pensamento.

O ato de vermos o mundo e as suas coisas, naturalmente, já lhes impõe uma leitura, porque, para nos relacionarmos com o que está sendo visto, é necessário que o mundo e as suas coisas sejam transmutados em imagens, assim, elas interagirão com as muitas outras imagens que nós leitores já temos em nossa memória imaginante. A leitura do texto literário é atitude, é gesto de ler aproximando-se da obra e vendo as suas imagens. Tais imagens foram desenvolvidas pelos nossos envolvimento socioculturais.

A história aponta para três revoluções significativas em termos de leitura, assim destacadas por Chartier (1999): a primeira ocorreu na Idade Média, quando a leitura passou da prática da leitura oral para a silenciosa, surgindo com isso outras perspectivas de compreensão da leitura como ato livre, íntimo, reservado; a segunda aconteceu nos séculos XVIII e XIX, na era da impressão, quando se proliferaram jornais, livros e espaços de leitura, que trazem consigo o surgimento de novos leitores, ávidos pelo consumo do livro, graças ao desenvolvimento de escolas; e a terceira revolução acontece na nossa época, com o advento da tecnologia eletrônica, que faz surgir no mundo o texto eletrônico, ampliando o acesso dos leitores a novas demandas de textos em seus diferentes gêneros. Nesse caso, observa-se que os leitores passaram a interagir de forma mais incisiva com o texto, podendo alterá-lo,





participar como coautores, imprimir-lhe nova configuração, diferentemente do que poderia ser feito com o texto impresso, que impõe limites ao leitor.

Em qualquer circunstância, “a leitura é sempre produção de sentido”, como alega Goulemot (2011, p. 107), e com ele fazemos coro porque, a partir do momento em que a leitura nos envolve, ela vai favorecendo o surgimento de novas produções em decorrência do caráter polissêmico do texto. E, no caso da leitura do texto literário, ela nos favorece a produção de mais outros textos a partir dos muitos textos que temos por nossa experiência cultural. Pelo que se nota, é um jogo de conotações importantíssimo para o favorecimento de novas produções criativas como a literatura.

À medida que a leitura do texto literário vai se desenvolvendo, o leitor vai criando novas perspectivas significativas e de sentidos que vão além dos que foram articulados pelo autor da obra. Isso reforça o caráter sempre original do texto literário, ou seja, por mais que pareçam um *déjà vu*, as imagens nas narrativas ou em um poema são sempre novidades, porque a sua leitura “é uma revelação pontual de uma *polissemia* do texto literário”, ressalta Goulemot (2011, p. 108).

A leitura do texto literário se desenvolve em meio ao enfrentamento de corpos, isto é, quando estamos lendo, movimentamos nosso corpo em direção ao livro, seguimos suas trilhas com nossos olhos, ficamos ansiosos, sorrimos, choramos, abraçamos o livro, beijamos, cheiramos as suas páginas, sentimos a sua textura, sentamos com ele, deitamos com ele, e desejamos que o tempo não nos impeça de continuar a sua leitura até chegarmos ao fim daquelas páginas de prazer. Nosso corpo interage com o outro, dialoga com ele; vamos até a sua intimidade e compartilhamos a nossa com a dele, em imagens. Assim estabelecemos contato com o outro à medida que transpomos a fronteira de nossa realidade até a realidade do outro, e nos fazemos temporariamente iguais, como imagens tão verdadeiras quanto as que vemos refletidas no espelho de nosso quarto. Isso porque o texto literário é o espaço do *speculum* onde tudo se vê em reflexo, está à vista, mas nada do que é visto o é, porque tudo é tão somente possibilidade de imagem.





O texto literário é, por essência, intertextual, ou é, como diz Goulemot (2011), a *biblioteca*. Abrimos as suas portas e adentramos num universo com arranjos especiais de outros textos, com os quais nos identificamos. Eles fazem parte de nosso acervo, eles compõem nossa história de vida, nossas experiências sobre o mundo e tudo que nele temos como nossas referências socioculturais. E (re)lemos nessa *biblioteca*, não o livro passado, mas o livro presente, isso porque nossas relações já possuem novas características, novos valores, novos sonhos e desejos. O texto de ontem é o ponto de partida, o que perseguimos é a sequência desse ponto que se realiza com aspectos de nossa contemporaneidade.

A literatura, na concepção de Samoyault (2008, p. 47),

se escreve com a lembrança daquilo que é, daquilo que foi. Ela a exprime, movimentando sua memória e a inscrevendo nos textos por meio de um certo número de procedimentos de retomadas, de lembranças e de re-escrituras, cujo trabalho faz aparecer o intertexto. Ela mostra assim sua capacidade de se constituir em suma ou em biblioteca e de sugerir o imaginário que ela própria tem de si. Fazendo da intertextualidade a memória da literatura, propõe-se uma poética inseparável de uma hermenêutica: trata-se de ver e de compreender do que ela procede, sem separar esse aspecto das modalidades concretas de sua inscrição.

Essa ideia de intertextualidade como memória da literatura alarga a nossa visão sobre o que venha a ser leitura do texto literário, porque o que está na nossa memória são as inúmeras imagens de nossas experiências vivenciadas em todos os contextos: sociais, culturais e históricos. No ato da leitura, as imagens se conectam, elas respondem aos apelos das outras imagens e vêm com elas interagir e se fazerem outras. Isso nos deixa confortável em afirmar que os intertextos, no espaço do texto literário, são resultantes das interconexões e interações que são estabelecidas entre as imagens nos atos de leituras com as imagens de nossa memória imaginante, assim, as imagens-signos são interconectadas para que o texto faça sentido. Por essa razão, entendemos que as imagens têm carências umas das outras, como numa rede; elas são interconectadas, infinitamente, porque uma imagem significa em função de uma outra.





A leitura é ato interpretativo, e quando lemos o texto literário, entendemos que a sua interpretação não “consiste em arrancar do texto a sua significação oculta” (ISER, 1996, p. 24), porque essa ideia de ver o texto como algo que esconde um segredo como uma esfinge, faz parecer que ele, depois de revelado o enigma, não mais apresenta motivos para ser relido, pois estaria esgotada qualquer possibilidade de outras significações. Isso faria crer que o texto literário teria um fim após o ato da leitura.

Percebemos que o sentido de um texto literário é-lhe um atributo de significação, que o acompanha em sua dinâmica plurissignificativa, isto é, o texto literário não se fecha em uma única significação porque, se assim o fosse, ele não representaria imagisticamente o homem e seu contexto, ou, como argumenta Iser (1996, p. 29), “o sentido não é redutível a um significado referencial e o significado não se deixa reduzir a uma coisa”. Esse argumento chama-nos a atenção para o caráter de ficcionalidade do texto literário, cuja realidade só se aplica por sua linguagem mimética.

O acesso à compreensão do sentido do texto literário se dá por intermédio da imagem conferida pelo ato da leitura, desde que entendamos que a imagem é o médio para fazer o leitor chegar ao sentido do texto literário. Uma imagem literária só serve de referência a outra imagem, por essa razão, o texto se torna um grande complexo de imagens que se intermedeiam. Então, durante a leitura, uma imagem vai dando sentido a outra, ou seja, as imagens que compõem o imaginário do leitor vão se inter-relacionando com as do texto, conferindo sentido para o leitor.

A imagem literária não parte de uma referência externa ao texto literário, como se fosse uma extensão da mundanidade, mas ela é um *como se* na condição de representar o mundo sustentado na intimidade da memória imaginante do leitor, que não é algo visto no verbo, mas percebido pelo sentido tramado na imagem. Observamos, então, que sujeito-leitor e imagem-objeto-de-sentido são inseparáveis. Quanto a isso, Iser (1996, p. 33-34) assegura que,

se o sentido tem um caráter de imagem, então o sujeito nunca desaparecerá dessa relação, ao contrário do que é em princípio válido para o modo de conhecimento discursivo. (...) Se a princípio é a imagem que estimula o sentido que não se





encontra formulado nas páginas impressas do texto, então ela se mostra como o produto que resulta do complexo de signos do texto e dos atos de apreensão do leitor. O leitor não consegue mais se distanciar dessa interação. Ao contrário, ele relaciona o texto a uma situação pela atividade nele despertada; assim estabelece as condições necessárias para que o texto seja eficaz. Se o leitor realiza os atos de apreensão exigidos, produz uma situação para o texto e sua relação com ele não pode ser mais realizada por meio da divisão discursiva entre Sujeito e Objeto. Por conseguinte, o sentido não é mais algo a ser explicado, mas sim um efeito a ser experimentado.

Como podemos perceber, a imagem é um poderoso fenômeno decisivo para que a leitura do texto literário se consolide para o leitor. A imagem literária impacta o leitor com seu efeito imagístico porque ela participa com ele de suas aventuras ancestrais que repousam na memória imageante do leitor. É no ato da leitura que essa imagem primeira compõe com seu destino de imagem, o de demiurgo das inter-relações entre os mundos de imagens.

O texto literário comunica em razão de ser ele “um todo articulado”, conforme destaca Iser (1996, p. 46). Assim percebemos esse texto, e o apreendemos em sua consistência significativa marcada pelo contexto no qual se encontram todos nós leitores.

Iser (1996) também nos adverte que é fundante a interação da estrutura da obra e o leitor, isso porque a teoria fenomenológica da arte já alertou para a relevância de estudar a obra literária considerando no mesmo patamar o leitor, porque é ele que interage com ela. Ambos são convergentes para que haja a obra literária, porque esta não é só texto nem é só ao leitor que se deve atenção como realizador da obra, mas eles acontecem no evento de suas relações. Ao que se nota, “o texto, portanto, se realiza só através da constituição de uma consciência receptora. Desse modo, é só na leitura que a obra enquanto processo adquire seu caráter próprio” (ISER, 1996, p. 50-51). Então, pelo que podemos inferir dessa colocação, o leitor, por ser consciente desse ato receptivo do texto, não é passivo a ele, pelo contrário, é atuante, incide uma ação participante com o texto para que haja uma interpretação, ou seja, sentido.

Como ver, ler o texto literário requer uma ação participativa do leitor em tempo integral com a imagem, interagindo com ela a partir das muitas imagens que compõem sua





memória imaginante. O texto literário só é texto no momento em que as imagens fazem vir outras imagens pela leitura, conferindo a esse evento sentido.

NOS FIOS DA LEITURA INTERSEMIÓTICA DO TEXTO LITERÁRIO

A semiologia foi concebida por Saussure (1989), que a entendia como ciência que estuda os signos pelas dinâmicas que são estabelecidas nas relações sociais, ou seja, como “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (1995, p. 24). E a respeito dessa ciência Barthes (1992, p. 11) ressalta que

prospectivamente, a Semiologia tem por objeto, então, qualquer sistema de signos, seja qual for sua substância, sejam quais forem seus limites: imagens, os gestos, os sons melódicos, os objetos e os complexos dessas substâncias que se encontram nos ritos, protocolos ou espetáculos, se não constituem ‘linguagem’, são, pelo menos, sistemas de significação.

Ao apontarmos a concepção saussuriana de semiologia e a ideia barthesiana de objeto dessa ciência, encontramos o caminho para compreendermos a semiótica, que também se dá a mesma preocupação de estudar os signos, mas entendendo que a compreensão de signo se manifesta a partir da linguagem que o representa. A Semiótica é ciência da linguagem ocupada com o signo verbal e não verbal, ou, como nos esclarece Pignatari (2004, p. 14):

A Semiótica ou Semiologia é a ciência ou Teoria Geral dos Signos, entendendo por signo (...) toda e qualquer coisa que substitua ou represente outra, em certa medida e para certos efeitos. Ou, melhor: toda e qualquer coisa que se organize ou tenda a organizar-se sob a forma de linguagem, verbal ou não, é objeto de estudo da semiótica.

Outro possível conceito de semiótica que corrobora nossas buscas por compreender as trajetórias dos signos ao nosso redor é o que nos apresenta Nöth (1995, p. 17) ao dizer que “a semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura”. Tal posicionamento a respeito da semiótica nos faz perceber que o signo tem sua





significação e pertinência na mobilidade da natureza humana, das coisas, das ideias, dos animais, pois tudo é visto e compreendido pelos sistemas de signos em suas relações.

Em observância a essa compreensão a respeito de semiótica e semiologia, é que chegaremos a entender o que é intersemiótica. É Jakobson (1995) quem primeiro nos dá um direcionamento sobre o assunto, ao tratar de tradução. Ele estabelece três tipos de tradução: a intralingual, a interlingual e a inter-semiótica². E é esta última que nos interessa discutir. Para ele, “a tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (1995, p. 65).

Com isso, fica evidente que as relações entre sistemas sógnicos distintos, presentes na literatura, na pintura, na fotografia, no cinema, na música e em tantas outras expressões da linguagem, são observáveis pelos estudos da tradução intersemiótica. A esse respeito, Júlio Plaza (1987, p. 30) declara que “numa tradução intersemiótica, os signos empregados têm tendência a formar novos objetos imediatos, novos sentidos e novas estruturas que, pela sua própria característica diferencial, tendem a se desvincular do original”.

As relações entre sistemas sógnicos diferentes são relações intersemióticas, as quais produzem um terceiro, que deverá ser compreendido em observância às especialidades de cada signo em interação dialética. E é por essa interação dialética que se darão nossos apontamentos sobre leitura intersemiótica.

O leitor lê signos e com estes se relaciona constantemente para entender o mundo que o cerca e poder assim interagir com ele. O signo se constitui em linguagem verbal ou não verbal para poder dizer ao leitor o que propõe comunicar, fazendo-o participar de seu meio sociocultural com elaborações e reelaborações de formas de linguagens que se inter-relacionam permanentemente. A linguagem é múltipla. Pignatari (2004, p. 100) diz que

A multiplicação e a multiplicidade de códigos e linguagens criam uma nova consciência de linguagem, obrigando a contínuos cotejos entre eles, a contínuas operações intersemióticas e, portanto, a uma visada metalinguística, mesmo no ato

2 A grafia da palavra “inter-semiose” como palavra composta ligada por hífen está de acordo com a escrita do autor referido.





criativo – ou, melhor, principalmente nele, mediante processos de *metalinguagem analógica*, processos internos ao ato criador.

O leitor monta ou constrói, desmonta ou desconstrói o texto para fazê-lo compreensível. Ele estabelece uma parceria contínua com os vários signos, na intenção de vivenciar múltiplas experiências que os textos, via signos, proporcionam-lhe. Os textos estão com os leitores, fazendo parte de sua existência. As experiências que temos no mundo nos fazem percebê-lo como ele é. Assim também é o texto. A cada experiência leitora que se realiza, mais condições nos são conferidas de ler mais e mais outros textos.

A prática leitora é interdisciplinar, pois, quando lemos, contatamos as várias fontes de onde provém nosso cabedal de conhecimento sobre as coisas. Merleau-Ponty (2004) nos deixa inferir que, quando lançamos nosso olhar sobre as coisas do mundo, não as compreendemos em si, mas a nossa compreensão se processa a partir de nosso ponto de vista. Isso implica entender que, ao vermos um quadro de pintura, por exemplo, não vemos só cores e formas distintamente, vemos cores *com* formas no todo presente. É como ele diz: “o homem não é um espírito e um corpo, mas um espírito *com* um corpo, que só alcança a verdade das coisas porque seu corpo está como que cravado nelas” (2004, p. 17-18).

A leitura possui uma dimensão intersemiótica observada nas tantas possibilidades de constituição de inter-relações entre diversos sistemas sógnicos.

Declara-nos Plaza (1987, p. 17):

para Charles S. Peirce, o signo não é uma entidade monolítica, mas um complexo de relações triádicas, relações estas que, tendo um poder de autogeração, caracterizam o processo sógnico como continuidade e devir. A definição de signo peirciana é, nessa medida, um meio lógico de explicação do processo de semiose (ação do signo) como transformação de signos em signos. A semiose é uma relação de momentos num processo sequencial-sucessivo ininterrupto.

Ao ler, o leitor arranja as imagens-signos que traz consigo com as que ele vê no texto. Por uma “ação do signo”, à medida que ele vai lendo, opera-se uma transmutação de uma imagem-signo em outra, estabelecendo-se uma compreensão significativa do texto. Esse





procedimento leitor, entendemos como um ato de leitura intersemiótica. Assim dizemos, em razão do que afirma Plaza (1987, p. 18) sobre tradução:

Por seu caráter de transmutação de signo em signo, qualquer pensamento é necessariamente tradução. Quando pensamos, traduzimos aquilo que temos presente à consciência, sejam imagens, sentimentos ou concepções (que, aliás, já são signos ou quase-signos) em outras representações que também servem como signos. Todo pensamento é tradução de outro pensamento, pois qualquer pensamento requer ter havido outro pensamento para o qual ele funciona como interpretante.

Quando pensamos, nossos pensamentos se transformam em imagens, o mesmo acontece quando estamos lendo, isto é, as imagens-signos do espaço verbal passam à condição de imagens-signos não verbais. A leitura intersemiótica é dialética por sua ação transformadora frente aos embates de signo a signo. As imagens-signos estão em permanente renovação; elas são cíclicas, não se repetem, porque, a cada leitura, novos arranjos são estabelecidos em decorrência das experiências do leitor ao longo de sua relação com o seu grupo, a família, a vida de trabalho, as instituições nas quais ele circula, a cultura, as vivências sociais como um todo. Tudo que afeta ou sensibiliza o leitor contribui para a compreensão da leitura intersemiótica.

Anteriormente, já havíamos discutido a respeito da intertextualidade do texto literário, mas retomamos outro aspecto como argumento para o que propomos discutir sobre a leitura intersemiótica do texto literário. Jenny (1979, p. 5-6) declara que a compreensão de uma obra literária “pressupõe uma competência na decifração da linguagem literária, que só pode ser adquirida na prática duma multiplicidade de textos: por parte do decodificador, a virgindade é, portanto, igualmente inconcebível”. Evidentemente, não concebemos o leitor como decifrador nem decodificador, mas como aquele que, no ato da leitura, interage com as imagens e, por elas, atribui sentidos ao texto. No entanto, o que nos chama a atenção nessa passagem de Jenny é a competência que o leitor deverá ter ao se relacionar com a multiplicidade de textos que se faz no espaço do texto literário e este, necessariamente, exige um leitor que tenha uma larga experiência de outros textos para realizar a compreensão.





Além dessa multiplicidade de textos ligados aos códigos verbais presentes no texto literário e que, segundo Jenny (1979), condicionam a intertextualidade, percebemos também a presença de outros códigos no texto literário que dialogam e se inter-relacionam, como pinturas, desenhos, fotografias etc., e, sem dúvida, eles interferem no sentido do texto. O entendimento do que venha a ser a leitura intersemiótica alarga a visão restrita de dar maior ênfase aos estudos das relações dos sistemas verbais quando se está lendo um texto literário na sala de aula. É preciso ver que o texto literário é também um intermediador de outros sistemas como o não verbal, constituindo-se, portanto, num sistema de produção intersemiótica.

Sabemos que o ato de ler o texto literário é também um ato de ver as imagens que nele se encontram. A esse respeito Joachim (2012, p. 27) diz que “vê imagens quando se lê textos escritos”. Ele reforça essa ideia ao destacar a “circulação de forças”, no interior do texto literário, que enfatizam o aspecto desse texto como matéria híbrida, porque o texto literário não é só composto por palavras que se inter-relacionam, mas também por palavras-imagens ou imagens-signos que se articulam ou se inter-relacionam no ato da leitura e que afetam o leitor, dando sentido ao texto.

A leitura do texto literário evoca todo um arsenal de imagens do leitor para fazê-lo afirmar o que vê no texto como uma “verdade”, ou seja, a verdade de uma linguagem constituída por imagens que compõem o imaginário do leitor. Um imaginário definido por Wunenburger (2007, p. 11) como

um conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados.

Pelo que se percebe, o leitor está inteiramente comprometido com as imagens em seus aspectos visuais, linguísticos e também sonoros, sendo estes inseparáveis para que se tenha o sentido de um texto. Entendemos que ler o texto literário é ler a imagem em suas mais





variadas características, porque, durante a leitura, vamos criando, ou melhor, vamos nos re-interconectando com as imagens, por analogia, de pessoas, elementos da natureza, animais etc.; todas elas estão na nossa memória imaginante, portanto, urge uma atenção nas inter-relações entre os vários sistemas sógnicos dos textos. Mas isso desde que entendamos texto como todas as organizações compostas pelos sistemas sógnicos, quer de ordem verbal quer de ordem não verbal, que fazem parte de nosso domínio cultural como literatura, pintura, fotografia, cinema, arquitetura, música etc.

De acordo com Perrone-Moisés (2005, p. 85), “o que hoje verificamos não é só uma dissolução das fronteiras entre os gêneros literários mas também uma abolição das fronteiras entre as diferentes artes”. Isso implica termos a responsabilidade de uma prática de leitura do texto literário atentando para as possíveis ocorrências intergêneros e interartes. Outro que também demonstra essa preocupação com as fronteiras entre as artes é Butor (1974, p. 242), ao declarar que:

Podemos ter hoje a ideia de uma literatura de não sei que século futuro que seria ao mesmo tempo arquitetura e livros: sítios, monumentos trabalhados de tal forma que aí pudessem ocorrer acontecimentos admiráveis, nos quais a linguagem apareceria sob todos os seus aspectos, mas não fechados sobre si mesmos, em comunicação com toda uma rede de ressoadores imóveis ou móveis, portanto ao mesmo tempo localizados e difusos, ao mesmo tempo destrutíveis e permanentes.

Como podemos observar, essas “previsões” de Butor, possivelmente, já sejam um fato, quando assistimos a uma proliferação de mídias e recursos tecnológicos os mais sofisticados por onde se veiculam textos de toda ordem, resultando no surgimento de estudos em que se discutem, além da intersemiótica, a intermedialidade que se ocupa, na esteira de Joachim (2012), de abarcar as mais complexas e variadas relações entre sistemas de signos e gêneros nos campos analógico ou digital.

Quando propomos uma reflexão sobre a leitura intersemiótica do texto literário, preocupamo-nos com uma gama de textos em suas variedades complexas e com o fato de que o aluno deverá estar preparado para essa leitura. Uma leitura dialética, que compreende o texto literário como uma relação entre as imagens-signos, tendo em vista que:





O processo de leitura, como cognição de um signo, desenvolve-se de forma dialógica mediada pela ação do signo, entre uma mente que conhece e o objeto conhecível. A consciência de linguagem será então a consciência da existência de uma relação dialógica entre o signo e leitor e não o predomínio de um eu cartesiano, pois que “não é nosso ego que dá sentido à linguagem, mas a linguagem que dá sentido ao homem” (SANTAELLA). No cruzamento entre o que fala e o que ouve é que se descobre a linguagem e seus sentidos. No movimento da linguagem é que esta se realiza no seu devir, como um diálogo entre um eu e um outro. Consciência de linguagem será então a consciência de transmutação e, portanto, de leitura. (PLAZA, 1987, p. 34).

À medida que vamos lendo um texto literário, vamos interagindo com suas imagens-signos, cruzando imagens e interconectando outras, as outras de nossas experiências imaginantes, de nossas vivências de imagens como numa grande rede. Por esse jogo de relações, vamos percebendo que uma leitura intersemiótica do texto literário vai apontando as transformações, ou as transmutações, que foram operacionalizadas durante o processo de tradução intersemiótica de uma obra. Esse procedimento leva-nos a perceber que “a tradução é um processo mimético entre sistemas de signos” (KOTHE, 1981, p. 129), porque, conscientes de como ocorreram as articulações, no ato da leitura, veremos que os processos intersemióticos fazem gerar outras obras.

Chamamos atenção para outro aspecto da leitura intersemiótica que é o de esclarecer o leitor sobre os processos adaptativos que são operacionalizados pelas traduções intersemióticas dos textos verbais e não verbais, destacando que adaptar, como esclarece Hutcheon (2011), será pensar uma obra como um palimpsesto, ou seja, entendermos que uma obra sofreu transformações miméticas sem negar ou mostrar-se mais significativa que a outra que serviu de base para a nova obra. Quanto a isso, a autora argumenta que “a adaptação tem sua própria aura” (2011, p.27), considerando a existência da obra adaptada em seu tempo e espaço.

É preciso notar que a leitura do novo texto que surgiu de um outro não deve ser lido nem compreendido como o de origem, isso porque

A adaptação é repetição, sem replicação. E há claramente várias intenções possíveis por trás do ato de adaptar: o desejo de consumir e apagar a lembrança do texto





adaptado, ou de questioná-lo, é um motivo tão comum quanto a vontade de prestar homenagem, copiando-o. (HUTCHEON, 2011, p. 28)

Aquele que adapta uma obra é livre no processo criativo, sem compromisso com “fidelidade” ao texto que motivou a nova criação. O que está valendo são os ganhos que o leitor tem ao vislumbrar um novo texto com as características peculiares de seu novo suporte ou meio, com os usos da linguagem que lhe são próprios. Disso salientamos que os processos adaptativos, ou de transcodificação, ou de tradução intersemiótica, são formas de leituras das quais predomina o ponto de vista ou perspectiva do leitor/adaptador, isto é, o leitor-adaptador, ou autor do novo texto a desenvolve a partir de seu olhar em razão das condições socioculturais que ele se encontra.

Como vimos, a leitura intersemiótica do texto literário aponta outra perspectiva de leitura e interação com o texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo desenvolvido evidencia que a leitura literária, compreendida como experiência criativa, imagética e intersubjetiva, constitui um processo de permanente produção de sentidos, no qual o leitor desempenha papel ativo e coprodutivo. A partir do diálogo com autores como Chartier, Merleau-Ponty, Bachelard, Iser e Samoyault, reafirmamos que o texto literário não se fixa em interpretações únicas; ao contrário, renova-se a cada encontro, sustentado por uma rede dinâmica de imagens e relações intertextuais.

Do mesmo modo, a discussão sobre a intersemiose, fundamentada nas contribuições de Saussure, Barthes, Jakobson, Plaza e Pignatari, demonstra que a leitura contemporânea exige a articulação de diferentes sistemas sógnicos, ampliando a compreensão do ato de ler para além do verbal. Assim, concluímos que a leitura intersemiótica não apenas potencializa a experiência estética, mas também consolida a literatura como espaço de diálogo entre linguagens, favorecendo a construção criativa de sentidos e fortalecendo a formação de leitores capazes de transitar criticamente entre múltiplos códigos. Nesse contexto, a leitura





literária afirma-se como prática essencial para o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade interpretativa e da competência semiótica na cultura contemporânea.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- BUTOR, Michel. **Repertório**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CHARTIER, Roger. A revolução da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999. p. 19-31.
- GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 107-116.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis, SC: UFSC, 2011.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: 34, 1996. 1 v.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: **Poétique**: revista de teoria e análise literárias – Intertextualidades. Coimbra, PT: Almedina, 1979. n. 27. p. 5-49.
- JOACHIM, Sébastien. **Interdisciplinas**: psicanálise, semiótica, literatura aplicada, literatura comparada. Recife, PE: UFPE, 2012.
- KOTHE, Flávio R. **Literatura e sistemas intersemióticos**. São Paulo: Cortez, 1981.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.





_____. **Conversas – 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura**. 3. ed. São Paulo: 2005.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & Literatura**. 6. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANTOS FILHO, Xxxx Xxxxxx dos. **A formação do formador de leitores do texto literário numa relação com a pintura, fotografia e cinema**. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco. 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1989.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.

Recebido em: 03/07/2026

Aprovado em: 29/07/2026

Publicado em: 26/08/2026

